



GENÉSIO DE ALMEIDA MOURA

IN MEMORIAM

Genésio de Almeida Moura

Faleceu no dia 12 de julho do corrente ano o Ministro Genésio de Almeida Moura, professor desta Faculdade, em Peruipe distrito de Itanhaem, comarca de Santos, para onde se dirigira a fim de passar as férias em um chalé de sua propriedade, vítima de um enfarto do miocárdio.

Dados biobibliográficos

Nasceu em Botucatu, Estado de São Paulo, a 30 de abril de 1899, como filho legítimo de João Tomás de Almeida e D. Maria Virgínia de Moura Almeida ora falecidos. Casou-se em São Paulo a 3 de abril de 1926 com D. Sarah Araujo de Almeida Moura. O casal teve dois filhos: Dr. Roberto Araujo de Almeida Moura, médico, casado com D. Alba Helena Troppmair de Almeida Moura e Dr. Fernando Araujo de Almeida Moura, advogado, casado com D. Neyde Fiori de Almeida Moura. Era portador das medalhas Rio Branco e Rui Barbosa e também da “Croix de Commandeur”, ofertada pela República Francesa (Oeuvre Humanitaire).

Fêz Curso primário na antiga Nova Escola Alemã de Campinas (1907-1912), formou-se pela Escola Normal (hoje Instituto Caetano de Campos) da Capital em 1914-1923. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1923 onde ingressou, após ter concluído exames parcelados no Ginásio do Estado da Capital. Doutourou-se pela mesma Faculdade em virtude de aprovação em concurso em 1940, tendo feito o Curso de Doutorado dessa Faculdade na Secção de Direito Público em 1933 e 1934.

Iniciou a carreira no magistério primário chegando a Diretor de Grupo Escolar no período de 1919-1923. Vol-

tou depois ao mesmo em 1930 como Assistente Técnico do Diretor Geral do Ensino. Foi catedrático de Língua Alemã do antigo Colégio Universitário em 1934-1947, professor e depois Diretor do Colégio Visconde de Pôrto Seguro (1924-1947), membro do Conselho Universitário como representante dos Livres Docentes em 1946. Secretário de Estado em 1947 ocupou a pasta do Governo, e, interinamente a do Trabalho e a da Viação. Advogou na Capital de 1924 a 1947. Livre Docente de Direito Constitucional da Faculdade de Direito em 1940 habilitou-se em concurso para a mesma Cadeira em 1942. Foi Professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie em 1954 e Regeu a cadeira de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de São Paulo, cuja cátedra ocupou interinamente por longos períodos, vindo a falecer no exercício da mesma. Regeu a cadeira de Teoria Geral do Estado em 1949 e 1950, tendo participado de mesas examinadoras e de outras atividades escolares da Faculdade. Foi reconduzido à Livre Docência, por dez anos em 1950. Ministro do Tribunal de Contas do Estado em 1947, cuja presidência ocupou de outubro de 1952 a dezembro de 1954, foi autor da lei estrutural e do respectivo regulamento, pelos quais se rege essa entidade.

Entre numerosos trabalhos, publicados pela imprensa, da Capital e do Interior, publicou estudos especializados de Filologia e de Direito, êstes na “Revista da Faculdade”, e especialmente: “*A representação profissional*” (1937); “*A representação proporcional e a Carta de 10 de novembro de 1937*” (1939); “*O fascismo italiano e o Estado Novo brasileiro*” (1940); “*A nova territorialidade no Direito Internacional Público e Privado*” (tradução de conferências, feitas na Faculdade, pelo Prof. Dr. Ernest Isay, 1943); “*Anteprojeto de Reforma da Constituição do Estado de São Paulo*” (1951); “*Aforismos para a sabedoria da vida*” (Tradução de Schopenhauer, com estudo introdutório, 1953). Em preparação “*Curso de Direito Constitucional*”, “*Plenitude*” (Tradução de Amado Nervo, espanhol para o por-

tuguês); “*Ifigênia em Taurida*” (Tradução de peça teatral de Goethe, do alemão para o português)”.

Homenagens póstumas

Foi alvo de inúmeras homenagens póstumas. Seu falecimento constou com voto de pesar, das atas de quase tôdas as entidades públicas e de muitas das particulares, tanto do Estado de São Paulo como dos diversos Estados do Brasil.

De tôdas as homenagens póstumas que recebeu, salientam-se aquelas prestadas pela Faculdade de Direito e pelo Tribunal de Contas, duas Casas que em vida, o extinto amava com tôda a sua fôrça e dedicação.

A Faculdade recebeu o Prof. Genésio logo após a sua morte, onde ficou em câmara ardente até a hora do sepultamento. Nessa ocasião proferiram comoventes palavras o Prof. Miguel Reale e o Orador do Centro Acadêmico XI de Agôsto.

Oração do professor Miguel Reale

“Genésio, meu mestre, meu amigo

Quiz o inescrutável desígnio da Providência que me coubesse a triste missão de interpretar os sentimentos desta Casa, da tua querida Academia, neste instante em que a vais deixar, na materialidade inerte dos despojos corpóreos, para aqui permanecer a chama viva de teu espírito.

Companheiro de fugazes momentos de alegria e de êxito, bem como de ásperas e longas jornadas de aflições e de amarguras; vivendo intensamente a dor própria, e a dos parentes, e a dos amigos, e a de todos os homens de

inteligência e de coração da terra paulista, que poderia eu dizer que já se não estampasse nas lágrimas que brotam de meus olhos?

“Nem bem nascemos e já estamos bastante velhos para a morte”. Foi esta advertência medieval sombria, mas densa de estranho significado, que me acorreu à mente perturbada pela notícia brutal de tua perda.

Em verdade, ainda há poucos dias, encantava-nos a tua inteligência penetrante, e era um privilégio sentir-mo-nos envolvidos pela luz serena e quente de tua amizade, e já agora a tua personalidade se converte em uma lembrança querida, como se ela se distribuisse entre todos os que te amaram.

Ainda ontem orgulhavamo-nos de tua presença atuante nesta Faculdade, engrandecendo e dignificando a sua Congregação de professôres, com o vigor de tua cultura humanística, com a solidez de teu saber de jurista e com a experiência de homem afeito aos altos negócios do Estado, e já agora nos vemos privados de tanta riqueza d'alma!

Ao contemplar-te, no entanto, espelhada no rosto sereno da morte a serenidade de uma grande e bela vida compreendemos todos que foi a nós, aos parentes e aos amigos que te choram, que foi a nós apenas que a morte nos colheu de surpresa; não a ti, que soubeste sempre viver em perene preparação para receber, a qualquer instante, a revelação definitiva e suprema do ser.

Bemaventurados aquêles, diante de cujo corpo inanimado, sentimos o incoercível dever de proclamar-lhes a grandeza da vida! E a tua, Genésio, foi uma existência tôda feita de dedicações renovadas, conhecedor que eras da fôrça espiritual que se resume em tudo dar como forma cristã de receber.

Deste tudo o que possuias, com um sorriso confiante e bom nos lábios. Sabem-no os teus alunos, desde os adolescentes do Colégio Visconde de Porto Seguro, até às su-

cessivas gerações acadêmicas das Arcadas, presas às lições sábias do mestre e cativados pelo encantamento de tua personalidade aliciante.

Foste, em tôda a tua existência fecunda, um educador e um guia, pertencendo àquela família rara de professôres que ensinam pela expontaneidade do exemplo, despertando a autoconsciência dos valores próprios como condição primeira do aperfeiçoamento humano.

Professor de Direito, tinhas a limpidez dos conceitos e a precisão das idéias, virtudes amadurecidas na meditação dos livros e no convívio cordial dos homens. Teu saber de jurista foi fruto de uma disciplina rigorosa e metódica, sem a precipitação dos fátuos, mas antes obediente aos valores da tradição, e à crença na continuidade orgânica das criações espirituais. O que mais me encantava em tua formação de jurisconsulto era o senso da medida e de equilíbrio, a fina percepção das realidades sociais, a aguda compreensão dos problemas brasileiros, sempre com um toque vivo de universalidade.

Juiz, não houve processo que te parecesse insignificante, interesse que fôsse descurado. Não se aponta quem tenha clamado por justiça, sem ter merecido a tua atenção. E quando uma causa te parecia justa, como te rebelavas, como te agigantavas, como sabias multiplicar as tuas fôrças, transformando a missão do Juís em um apostolado de amor e de coragem!

Homem público, soubeste dar relêvo a todos os teus atos, sem te deixares mover por interêsses imediatistas, sempre zelando pela dignidade do Poder, para cujo pres-tígio, todavia, jamais olvidaste as reservas morais da compreensão e da benignidade.

Amigo, conhecias os segredos que entreabrem os corações. Uma palavra, um gesto, uma lágrima ou um sorriso, segundo a coloração festiva ou amarga das horas, sabias transmitir sempre algo de apropriado e de oportuno, tangido pela tua vocação natural de chegar-te aos seres

humanos, de irmanar-te aos que te eram caros. Bem poucos homens terão sabido viver a amizade assim, como forma de incessante participação.

Apaixonado das coisas da Filosofia, fundador que foste do Instituto que tanto amaste, aprendeste com o teu Schopenhauer, que se a Filosofia não nos dá nada, ao menos nos livra de muita coisa. Do supérfluo e da vaidade, do ódio e da tibieza te livraste, para seres aos nossos olhos, não só um grande jurista, não só um admirável professor, não só um juiz impoluto, não só um administrador fecundo, não só um pai amantíssimo, não só um amigo de tôdas as horas, mas, com tudo isto e acima de tudo isto, um *homem*, um homem na plenitude e na inteireza realizadora de tuas virtudes, cuja luz se espalha por esta Casa, que tua será para todo o sempre.

Outras homenagens

Foi prestada ao extinto uma sessão solene em sua homenagem, no dia 22 de agôsto, quando falaram o Prof. José Soares de Mello, o Orador oficial do Centro XI de Agôsto, o Sr. Ministro Vicente de Paula Lima, em nome do Tribunal de Contas e em agradecimento, o Prof. Pedro de Almeida Moura em nome da família.

Na sessão solene realizada em 14 de julho, em homenagem ao Ministro Genésio, na qual falaram o Sr. Ministro Presidente José Romeu Ferraz, Ministro Antônio Feliciano da Silva, Ministro Orlando da Costa Meira e o Ministro Francisco Juruema, vice presidente do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul, foi, por proposta do Ministro Presidente José Romeu Ferraz e aprovada unânimemente por todos os seus pares, dado à sala de sessões, o nome de "*Sala Ministro Genésio de Almeida Moura*", tendo sido colocada na porta principal, a placa que estava na porta da sua sala, onde trabalhou até os últimos dias de sua vida.